

CARL SAUER E A GEOGRAFIA CULTURAL*

Roberto Lobato Corrêa**

Na história da Geografia, Carl Ortwin Sauer (1889-1975) situa-se entre os grandes mestres que, pelo espírito crítico, criatividade, talento e liderança intelectual, definiram alguns dos caminhos através dos quais a Geografia iria trilhar. Sauer é o criador e expoente máximo da Geografia Cultural Norte-Americana, ou do que se convencionou denominar, entre os geógrafos, da "Escola de Berkeley". Através dele, a Geografia Norte-Americana libera-se do determinismo ambiental e estabelece sólidas ligações com a Antropologia e a História.

Nascido em Warrenton, Missouri, filho de um professor de Francês e de Música, pertencendo a uma família da comunidade dos "alemães metodistas" que, desde a primeira metade do Século XIX, se estabeleceram no Missouri. Passou parte da sua infância na Alemanha e, em 1908, obteve seu bacharelado. Em 1909, ingressou como estudante de pós-graduação na Universidade de Chicago, onde seria aluno de Rollin D. Salisbury em Geografia Física; de Ellen C. Semple, em Geografia Humana, e de M. C. Cow-

les, em Ecologia Vegetal, mestres estes de quem receberia formação fortemente marcada pelo determinismo ambiental, a versão geográfica do darwinismo social. Obteve o grau de doutor em 1915, com a tese "The Geography of the Ozark Highland of Missouri", estudo regional de uma área próxima a sua terra natal.

Entre 1915 e 1923, Sauer lecionou na Universidade de Michigan em Ann Arbor, no recém-criado Departamento de Geologia e Geografia. Em 1922, participou ativamente dos trabalhos no âmbito do Michigan Land Economic Survey, um organismo criado para levantar, catalogar e mapear a qualidade dos solos do Estado de Michigan. Essa experiência foi decisiva para Sauer. Em 1923, aos 33 anos de idade, Sauer vai lecionar no Departamento de Geografia da Universidade da Califórnia em Berkeley onde, por 31 anos, foi o chefe do referido departamento. Aí nasce a Geografia Cultural Norte-Americana que Sauer cultivou e incentivou, não apenas até 1957, quando, então, se aposentou, mas por quase 20 anos, atra-

* Recebido para publicação em 14 de julho de 1988. Esta comunicação é um resumo da Introdução da coletânea de artigos de Carl Sauer a ser publicada pela Editora Ática S.A. na série "Os Grandes Cientistas Sociais".

** Analista Especializado em Geografia da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE. Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ.

vés de conferências, participação em seminários e publicação de cerca de 30, de um total de pouco mais de uma centena de artigos, comentários e livros, divulgados durante sua longa e rica carreira.

O trabalho que se segue está fundamentado, salvo explícita indicação bibliográfica, nas biografias escritas por Leighly (7) (8) e Parsons (11) (12), que são os principais biógrafos de Carl Sauer. Agradecemos ao Professor Hilgard O'Reilly Sternberg, da Universidade da Califórnia, Berkeley, pelo acesso a vários trabalhos de Sauer e sobre Sauer.

A GEOGRAFIA NORTE-AMERICANA ATÉ 1920 E A FORMAÇÃO DE SAUER

A Geografia Norte-Americana teve suas origens ligadas primordialmente às ciências naturais, especialmente à Geologia, que, no último quartel do Século XIX, gozava de grande prestígio e se afirmava como uma ciência voltada para o levantamento sistemático dos recursos do subsolo, em fase de industrialização crescente. Secundariamente, foi influenciada pela Antropogeografia alemã e, em menor escala, pela Economia, interessada na ampliação do comércio internacional norte-americano.

A matriz geológica imprimiria, no desenvolvimento inicial da Geografia, forte ênfase no estudo dos fenômenos da natureza, originando a Fisiografia ou Geografia Física, bem como inculcaria nesta as idéias evolucionistas de Darwin. Muitos dos fundadores da Geografia Norte-Americana foram geólogos de formação e prática profissional. São exemplos William Morris Davis, o pai da Geomorfologia, um dos fundadores, em 1904, da Association of American Geographers (AAG) e o seu primeiro presidente, e o já mencionado Rollin D. Salisbury, também fundador da AAG e chefe do primeiro Departamento de Geografia de uma universidade norte-americana, a de Chicago, de 1903, quando foi criado, até 1919.

A matriz antropogeográfica teria em Ellen C. Semple, formada em História e discípula de Frederic Ratzel em Leipzig, uma de suas maiores fontes de difusão. Semple, também

uma das fundadoras da AAG, absorveu e ampliou o pensamento de Ratzel no que diz respeito ao papel do meio natural sobre o curso da História: a natureza exerceria um controle sobre a vida humana e social. Lecionou na Universidade de Chicago.

A matriz econômica se concretizaria em uma Geografia dos transportes, industrial e comercial, a partir de Emory R. Johnson, que participara da comissão encarregada de localizar o canal navegável do istmo do Panamá, e que fora, também, um dos fundadores da AAG, e de G. Russell Smith, aluno de Johnson e de Ratzel.

As idéias do pragmatismo e do darwinismo social permeavam todas as três matrizes, gerando uma visão determinística e evolucionista marcada pela idéia de competição, dominação e sucessão. Foi neste ambiente intelectual que dominava a Universidade de Chicago, tanto na Geografia como na Sociologia de Robert E. Park, que se deu a formação de Sauer, e foi contra essa visão determinista que ele se insurgiu.

"THE MORPHOLOGY OF LANDSCAPE" E A RUPTURA COM O DETERMINISMO AMBIENTAL

A crítica ao determinismo ambiental ampliava-se em todo os Estados Unidos durante o período de 1915 a 1920. No melhor dos casos, o determinismo poderia ser considerado como um modelo para justificar externamente a proeminência dos países centrais sobre os periféricos, mas não mais como um modelo para uso interno.

A década de 20 veria o aparecimento de vetores que negariam o determinismo ambiental. De um lado, com Harlan H. Barrows (1), sucessor de Salisbury na chefia do Departamento de Geografia em Chicago, emerge um vetor onde a Geografia é vista como ecologia humana, objetivando examinar as respostas humanas ao meio físico. Este vetor ganharia força com a criação, em 1925, do periódico *Economic Geography*.

Outros dois vetores emergem, de outro lado, a partir das proposições de Sauer em seu "The Morphology of Landscape", derivando daí estudos corológicos e a Geografia Cultural.

O caminho percorrido por Sauer para criticar o determinismo ambiental e propor, primeiramente, a Corologia e, em breve, a Geografia Cultural, inicia-se com os trabalhos de campo que ele participou e organizou enquanto estudante em Chicago, professor em Ann Arbor e pesquisador no Michigan Land Economic Survey. Dos estudos publicados entre 1915 e 1924, resultantes desses trabalhos de campo e de reflexões sobre eles, merece menção o "The Survey Method in Geography and Its Objective". Este estudo vem impregnado, de um lado, do pragmatismo vinculado ao ideal de racionalizar o uso do solo e, de outro, impregnado do possibilismo, no sentido de que os grupos humanos deparam-se com alternativas próprias a cada grupo, para gerar determinado uso da terra.

Sauer, em realidade, influenciado pelos geógrafos europeus possibilistas, já elabora uma crítica ao determinismo ambiental, afirmando que a Geografia deveria passar por um período de organização de seus métodos antes de se engajar em qualquer teoria sobre a dinâmica da sociedade: o trabalho de campo constitui-se no método ideal e mais importante para a pesquisa geográfica.

O caminho percorrido por Sauer para romper com o determinismo ambiental finaliza com "The Morphology of Landscape", publicado em 1925, o coroamento de sua fase no Meio-Oeste.

Naquele estudo Sauer não somente critica o determinismo ambiental, mas, também, apoiado em uma tradição que remonta à Antiguidade, passando por Varenus e alcançando geógrafos como Hettner e Vidal de la Blache, considera a Geografia como o estudo da diferenciação de áreas ou Corologia. Segundo Sauer, área, região e paisagem são palavras equivalentes, preferindo ele esta última por não ser ambígua como área, ou não ter fortes conotações com o determinismo ambiental como tinha, na época, a palavra região, associada à idéia de região natural e a um único tipo de resposta humana. Segundo Sauer a Geografia "...é concebida como o estabelecimento de um sistema crítico que engloba a fenomenologia da paisagem, de modo a abarcar através de seu significado e cores, o variado cenário terrestre" (13 p. 320).

E continua Sauer,

"Os objetos que existem na paisagem existem em inter-relação. Afirmamos que constituem uma realidade como um todo, que não se expressa pela separação de suas partes constituintes, que a área tem forma, estrutura e função, e daí posição em um sistema, e que é sujeita ao desenvolvimento, mudança e fim" (13 p. 321).

A paisagem, um conjunto de formas físicas e culturais associadas em área, torna-se para Sauer o conceito fundamental da Geografia, tendo qualidade orgânica. Neste sentido, Sauer mantém muito da influência do darwinismo social contido no determinismo ambiental de sua formação. Entretanto, nega a utilização de qualquer teoria *a priori* para a interpretação da paisagem, bem como se recusa a uma postura idiográfica no trabalho geográfico. Sauer advoga o método indutivo, plenamente empiricista, à procura de generalizações.

Os estudos corológicos seriam mais tarde enfatizados por Richard Hartshorne em seu "The Nature of Geography" (6), mas apenas como o estudo das inter-relações em área de fenômenos de natureza física e social, sem considerar o fato de que a paisagem geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura do homem sobre a natureza, modificando-a, transformando uma paisagem natural em paisagem cultural, sem privilegiar a cultura como fator fundamental da criação e modificação da paisagem, e sem dar ao tempo, à História, o papel que Sauer já lhes emprestara em 1925, e que acentuaria mais ainda ao longo de sua carreira.

O modo de se estudar a paisagem geográfica é através do "método morfológico", similar ao que Vidal de la Blache estabeleceu para suas monografias regionais. Tal método consiste em considerar os fenômenos como formas que estão integradas entre si, admitindo-se os seguintes postulados:

"(1) que há uma unidade de qualidade orgânica ou quase orgânica; isto é, uma estrutura para a qual certos componentes são necessários, estes elementos componentes sendo, neste trabalho, denominados 'formas'; (2) que a similaridade de formas em diferentes estruturas é reconhecida devido à equivalência funcional, as formas sendo então homólogas; e (3) que os elementos

estruturais possam ser colocados em séries, especialmente em seqüência de desenvolvimento, indo do incipiente ao estágio completo ou final” (13 p. 326).

Em realidade, conforme apontam Speth (23) e Williams (25), a morfologia proposta por Sauer é inspirada no historicismo do Romantismo alemão que tem em Goethe, citado por Sauer no trabalho em questão, um de seus expoentes, sendo sua a expressão “mudança morfológica”. Como se sabe o Romantismo constitui-se em uma reação ao naturalismo do Iluminismo, e em Sauer tem a correspondência com sua reação ao determinismo ambiental. O conceito de morfologia foi introduzido na Geografia por Carl Ritter, e com Sauer poderia ser aplicada aos ramos da Geografia, a saber: Geografia Sistemática, onde se realiza o estudo do sistema de formas da paisagem; Geografia Regional que é morfologia comparativa; Geografia Histórica que é o estudo da série de mudanças que as paisagens culturais atravessam; e Geografia Comercial que considera as formas de produção e as facilidades para a distribuição dos produtos.

“The Morphology of Landscape” é, sem dúvida, um marco na história do pensamento geográfico, já contendo em si as sementes da Geografia Cultural que Sauer em breve iria definir.

BERKELEY E A GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia Cultural emerge em Berkeley onde Sauer ampliou seus conhecimentos a respeito dos trabalhos dos geógrafos alemães, franceses e ingleses, tendo sido influenciado pela leitura do segundo volume do “Anthropogeographie” de Ratzel, e pela obra de Eduard Hahn sobre o cultivo das plantas e a domesticação de animais. Ali estabeleceu sólidos contatos com os antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie e o historiador Herbert E. Bolton. Com o primeiro e o último fundou o periódico “Ibero-Americana” onde publicou muitos de seus estudos.

Com a Antropologia, Sauer aprofundou seu interesse e conhecimento sobre a diversidade da ação humana e, particularmente

com Kroeber aprendeu que a cultura é um fenômeno que se origina, difunde-se e evolui no tempo e no espaço, sendo compreensível no tempo porém traçável no espaço onde se localiza. Com a História aprendeu a considerar o tempo, a poder entender “como as coisas se tornam”. Com a Antropologia e a História pôde estabelecer a Geografia Cultural ou a História da Cultura no espaço. Pôde também criticar o seu “The Morphology of Landscape” que fazia sucesso nos Estados Unidos, alegando tratar-se do produto de sua fase em Michigan, ainda não amadurecido e conhecendo muito pouco os trabalhos dos geógrafos europeus e dos antropólogos.

O seu artigo “Recent Developments in Cultural Geography”, (14), de 1927, constitui uma etapa na evolução de seu pensamento em direção à conceitualização da Geografia Cultural que, para ele, era sinônimo de Geografia Regional ou Geografia Histórica. Sugere que a Geografia deva constituir-se no estudo da: (a) reconstrução da paisagem física antes do homem; (b) reconstrução da paisagem durante a ocupação; (c) mudanças maiores que se verificaram na paisagem cultural.

A partir daí, Sauer abandona suas preocupações com os estudos da área, filiando-se à Geografia Cultural e Histórica. O artigo “Foreword to Historical Geography” (15), publicado em 1941, constitui-se na visão acabada do pensamento de Sauer sobre a Geografia Cultural. Resulta de sua experiência, iniciada na segunda metade da década de 20, a partir de contatos com antropólogos e historiadores, e do trabalho de campo no Sudoeste Norte-Americano e no México. É o referido artigo uma profissão de fé a favor da Geografia Cultural, feita por Sauer, então presidente da Association of American Geographers, em um momento em que começam a aparecer os efeitos da monumental obra de Hartshorne, “The Nature of Geography”, publicada em 1939, onde a Geografia é vista como uma disciplina corológica e idiográfica, sendo o estudo da diferenciação de áreas a partir da integração, em uma dada área, de fenômenos de natureza física e social. Efeitos estes que se traduziriam, durante o período 1940-1955, no apogeu, no âmbito da Geografia Norte-

-Americana, da Geografia proposta por Hartshorne.

Naquele trabalho, Sauer defende a visão genética nos estudos geográficos, a necessidade de um sólido conhecimento da Geografia Física, e do forte apoio da Antropologia, a ciência irmã da Geografia. A Geografia proposta por Sauer é a do estudo comparativo de culturas localizadas em áreas, ou seja, o estudo de áreas culturais. Tendo em vista a natureza histórica da cultura — um conjunto de hábitos aprendido por um determinado grupo em um dado local e momento do tempo — no estudo das áreas culturais deve-se compreender, através da análise das origens e processos, como elas se diferenciam entre si.

Houve em Sauer um forte interesse pelo estudo de áreas em estágios culturais menos avançados. Isto não implicava, contudo, em uma visão etnocêntrica, reconhecendo ele uma racionalidade própria de cada cultura. Sauer receava, em realidade, a difusão da cultura industrial destruindo a diversidade cultural existente nos países de cultura não-industrial.

Em "Foreword to Historical Geography" estão incluídos um conjunto de temas de pesquisa. Sugere que se considere, de um lado, os procesos da Geografia Física, cujas mudanças seculares podem afetar o homem, e, de outro, que se considere o homem como um agente da Geografia Física, cuja cultura tem afetado a natureza. Os estudos de ocupação da terra visando a reconstrução de mudanças e continuidades são para Sauer de fundamental importância, indicando ele que em tais estudos se considere os padrões dos núcleos de povoamento, os tipos de casa, os sistemas agrícolas e a propriedade da terra.

Os temas clímax cultural, onde se aceita a idéia de que as culturas têm estágios, e a receptividade cultural, que diz respeito à difusão, adoção e rejeição de inovações, são sugeridos também.

Da obra de Sauer, destaca-se, ainda, do ponto de vista de proposições sobre a natureza da Geografia, o seu "The Education of a Geographer (18)", publicado em 1956, onde Sauer, ao lado de uma crítica à Geografia Hartshoniana e à então emergente "new geography", define como deve ser a forma-

ção do geógrafo. Esta devia apoiar-se em poucos cursos e não em uma pulverização de cursos, dos quais vários em Geografia Regional, isto é, em Geografia Histórica de uma região. Os cursos de Geografia Física e Biogeografia são de fundamental importância. Também é importante que o geógrafo domine a história do pensamento geográfico. Mais importante, admite Sauer, são os trabalhos de campo que permitem treinar os olhos para ver e a mente para generalizações. Em suas palavras (18 p. 400):

"A importante questão aqui não é se ele ganha prática nas técnicas de mapeamento, mas se aprende a reconhecer formas que expressam funções e processos, ver problemas implícitos na localização e extensão em área, pensar a respeito de ocorrências simultâneas ou não. A classe de formias, seja a terra, vegetação ou cultura é opcional; a cena importante é ter a preocupação da origem da forma, reconhecer tipos de variações, posição e extensão, presença e ausência, função e derivação; em breve, cultivar o sentido da morfologia".

AS PESQUISAS DE SAUER: TEMAS E ÁREAS

As pesquisas de Sauer e de seus discípulos compreendem um conjunto de temas que podem ser definidos, de acordo com Wagner e Mikesell (24), como áreas culturais, história da cultura, paisagens culturais e ecologia cultural ou o papel do homem como agente modificador da natureza. Tais temas estão entrelaçados entre si. Uma parcela considerável das pesquisas realizadas por Sauer privilegiou algumas áreas como a "fronteira agrícola do Meio-Oeste" e o Sudoeste dos Estados Unidos. A América Latina, e particularmente o México, constitui-se em outra área onde Sauer desenvolveu boa parte de suas pesquisas.

O Meio-Oeste americano, região nativa de Sauer, e onde ele iniciou suas primeiras pesquisas, constitui-se em área de particular interesse para ele. Ali realizou estudos durante a década de 10 e início dos anos 20, como também mais tarde, na década de 60, quando revisitou o Meio-Oeste.

Em 1963, ao comemorar o centenário do "Homestead Act" em 1962 — a legislação que orientou a colonização do Meio-Oeste — é publicado "Homestead and Community on the Middle Border" (19) onde descreve o povoamento e suas características na área em questão. A natureza do habitat rural, planejado e disperso, e o caráter de auto-suficiência da família constituem temas que Sauer aborda. A partir da Primeira Guerra Mundial, iniciaram-se mudanças na agricultura e organização sócio-espacial do Meio-Oeste, as quais são advindas de demandas e estímulos extra-regionais. A natureza das mudanças que ocorreram no Meio-Oeste, entre elas a especialização agrícola e perda da auto-suficiência do agricultor, modernização agrícola via adoção de maquinários e fertilizantes químicos, imigração, abertura de estradas e difusão do automóvel, penetração cidadina através do lazer, invasão de outras espécies vegetais e práticas conservacionistas, são percebidas e comentadas por Sauer em seu "Status and Change in the Rural Midwest — A Retrospect" (20).

Entre os numerosos estudos sobre o México merece menção o "The Personality of Mexico" (16) onde Sauer propôs ver, a partir do passado pré-colombiano e de sua Geografia no Século XVI, os traços dominantes da terra e do povo mexicano. A "personalidade" do México resulta da fusão das culturas: espanhola, dos povos civilizados de sua porção meridional, e dos povos selvagens de sua parte setentrional, "personalidade", esta, que foi estruturada durante o Século XVI.

Uma parte muito importante da obra de Sauer, sobretudo aquela produzida a partir de 1950, quando então os longos trabalhos de campo se tornaram mais penosos, apoiaram-se em reflexões de leituras e de sua própria e rica experiência. Sauer desenvolveu então a temática da "Paleogeografia do Homem", isto é, uma série de estudos sobre a História da Cultura.

Dentro dessa temática aparece, já em 1944, o seu "A Geographical Sketch of Early Man in America" (21), onde se discute a penetração do homem e as condições ambientais do continente americano, sua dispersão, as rotas por onde ela se verifi-

cou, e a distribuição espacial dos principais traços culturais dos indígenas. Em outros trabalhos, Sauer mostra as mudanças ambientais após o último período glacial e os processos culturais que paralelamente emergiram, entre eles o de aprendizagem da utilização do fogo pelo homem, que se vinculou à presença de vulcões ativos nas proximidades de seu habitat original, localizado na África Oriental. Segundo Sauer, a partir do domínio do fogo, o homem pode dominar e modificar a natureza, criando o mundo da cultura.

Em outro estudo, Sauer discute o nicho ecológico necessário para o aparecimento do homem, tendo em vista suas características biológicas: o habitat ideal seria nas proximidades da água, seja ribeirinha, lacustre ou à beira do mar, sendo esta a alternativa mais viável. Neste habitat ideal, Sauer vê o homem primitivo, em seus primórdios, não como um caçador, mas como um pacífico coletor, vivendo sedentariamente à beira da praia, apresentando uma estrutura familiar marcada pela importância da mulher.

Na linha temática sobre a História da Cultura, aparece como extremamente significativo o estudo "Agricultural Origins and Dispersals", de 1952, onde Sauer discute as origens e dispersão da agricultura. Este estudo seria republicado mais tarde, em 1972, na coletânea "Seeds, Spades, Hearths and Herds" (22). Neste estudo é aceita a tese de Ratzel da maior importância da difusão do que da invenção paralela em outra área, bem como a tese de Hahn da domesticação de animais com finalidade outra que a econômica. Incorpora, também a tese de Vavilov de que a agricultura ter-se-ia iniciado em terras colinosas e montanhosas e não em amplos vales. Seu início foi em áreas florestais, com enorme diversidade de plantas e animais, tendo sido inventada por povos sedentários que teriam, em grande parte através da pesca e atividades associadas, adquirido habilidade para os experimentos agrícolas como a seleção de plantas e domesticação de animais. O Sudeste Asiático seria, para Sauer, o berço da agricultura e que de lá teria se difundido.

O papel do homem como agente modificador da natureza primitiva constitui-se em um tema extremamente importante para

Sauer e os geógrafos culturais. Trata-se, em realidade, de assunto considerado em 1864 por George Perkins Marsh, um pioneiro dos estudos sobre as relações entre o homem e a natureza, conforme indica Mikesell (9). Esta linha temática seria conhecida como Ecologia Cultural, interessando-se pelos processos de mudança da natureza produzidos pela ação humana, tal como a degradação do solo. O próprio Sauer já se interessara pelo assunto no início de sua carreira, ao constatar, no Estado de Michigan, os efeitos destrutivos sobre o solo, resultantes da exploração da floresta de coníferas.

A maior contribuição de Sauer ao tema, aparece, porém, no Simpósio "Man's Role in Changing the Face of the Earth" publicado em 1956, do qual ele foi um dos co-organizadores e autor do "The Agency of Man on the Earth" (17). Neste estudo Sauer considera, de um lado, os efeitos da ação humana sobre a natureza a partir do emprego do fogo e da adoção de diversos sistemas agrícolas. De outro, considera o impacto da ação humana na superfície da terra ao longo do espaço e do tempo: na Antiguidade e Idade Média, através da colonização européia em geral e particularmente nos Estados Unidos. Finalmente, Sauer alerta para o contínuo e crescente processo de dilapidação dos recursos do meio ambiente a partir do Século XX, dilapidação que envolve tudo. O homem necessita, afirma ele, de uma ética e estética que possibilite que as gerações do presente possam legar para as do futuro uma terra habitável.

AS CRÍTICAS À GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia Cultural suscitaria críticas oriundas das mais diversas direções, inclusive, e naturalmente, de seus próprios adeptos. A crítica que Hartshorne e os geógrafos regionais fizeram a ela refere-se ao fato desta apenas privilegiar um dos múltiplos elementos que se inter-relacionam em área.

Do ponto de vista da "new geography", os geógrafos culturais são acusados de estarem voltados para o passado, de se interessarem por temas pouco relevantes para os problemas imediatos vinculados ao de-

envolvimento, servindo mais aos interesses puramente acadêmicos de alguns deles. Em outras palavras, os geógrafos culturais estariam mais voltados para fenômenos de divergências do que convergência cultural, esta sendo associada a uma certa homogeneização de grupos sociais sob o impacto da expansão capitalista. Daí seus interesses voltarem-se para o estudo de áreas culturais "não-ocidentais". Só recentemente, como lembra Mikesell (9), desperta-se um maior interesse em estudos de Geografia Cultural dos Estados Unidos.

No âmbito da Geografia Cultural, Mikesell (9) ao fazer uma avaliação da Geografia desenvolvida por Sauer, comenta que os geógrafos culturais têm sido seletivos e seus temas estudados. Assim, por exemplo, há mais estudos sobre religiões do que sobre línguas, bem como maior compreensão sobre os aspectos materiais da cultura do que sobre os aspectos não-materiais. Também é criticada a aceitação do conceito de cultura fundamentado na proposta de Kroeber, na crença de que já existiria uma concordância entre os antropólogos sobre esse conceito. Mikesell critica ainda a falta de interesse sobre os conflitos culturais, religiosos ou étnicos, entre os praticantes da Geografia Cultural.

Uma das críticas mais profundas, que atinge o âmago da Geografia Cultural norte-americana, diz respeito ao fato dos geógrafos terem aceito um conceito de cultura onde esta é entendida como uma entidade superorgânica conforme comenta Duncan (4). O conceito de superorgânico foi cunhado por Herbert Spencer, o pai do darwinismo social, e aceito por Kroeber e Lowie no primeiro quartel deste século, tendo sido elaborado mais tarde por Leslie White. A cultura passou a ser:

"... vista como uma entidade acima do homem, não redutível às ações pelos indivíduos que estão associados a ela, misteriosamente respondendo pelas suas próprias leis." (8 p. 182)

A cultura constitui-se em um nível independente da realidade, externa ao indivíduo, explicável por si própria, dentro de uma visão holística do mesmo modo que os conceitos de "consciência coletiva" de Emile Durkheim e "sociedade" de Talcott Parsons. Gerou na antropologia norte-

-americana um determinismo cultural que perduraria até a década de 50. Neste contexto o indivíduo é um "mero agente de forças culturais", conforme aponta Duncan (4 p. 184), movido por valores que possibilitam que o nível superorgânico funcione.

Sauer e seus discípulos adotam esta visão de cultura, ignorando a existência de outras definições propostas pelos antropólogos, tal como já apontara Mikesell em 1978.

O conceito de cultura como uma entidade superorgânica pressupõe uma série de premissas que foram aceitas e incorporadas pelos geógrafos culturais. Fundamentalmente, a crítica maior reside na existência dos níveis orgânico e superorgânico em que a realidade é dividida, correspondendo esta divisão a uma forma de idealismo. A cultura, entidade superorgânica, é não, apenas, reificada, como, também, passa a fazer parte dos indivíduos de um grupo, sendo, portanto, internalizada pelos indivíduos. Essa internalização se traduz na personalidade e caráter de um grupo ou povo, tal como Sauer admite em seu "The Personality of Mexico", de 1941. Esta internalização da cultura pelos indivíduos tem, por sua vez, como pressuposto, a idéia de homogeneidade cultural de cada grupo, a qual, pela ausência de conflitos internos, implicaria em mudanças pouco freqüentes e sempre originária do exterior, de fora do grupo. É assim que os estudos da difusão e adoção de inovações constitui-se em um tema importante para os antropólogos discípulos de Kroeber e para os geógrafos culturais.

Duncan (4), que levanta o conjunto de críticas que ora se estabelece à Geografia Cultural, argumenta ainda que a internalização da cultura tem como mecanismo o condicionamento pavloviano que cria hábito, o qual é, para Sauer, sinônimo de cultura.

Dada esta concepção de cultura e seus pressupostos, verifica-se que, nos estudos de Geografia Cultural, uma série de críticas pode ser levantada. Assim, ao se ver a cultura como força determinante, outros possíveis aspectos explicativos deixam de ser considerados, bem como não se considera o modo como os indivíduos escolhem, integram, negociam e impõem restrições entre si. Não se considera variáveis como estratificação social, interesses políticos e conflitos

entre interesses opostos, nem o papel do Estado e das grandes empresas. Nas palavras de Duncan (4 p. 191):

"Em breve, o mundo descrito pelos geógrafos culturais é um mundo no qual o indivíduo está largamente ausente, o consenso prevalece, o desvio é ignorado; é um mundo não tocado pelo conflito intracultural".

Em realidade, ao abandonar o determinismo ambiental, Sauer se vê engajado no determinismo cultural, uma outra versão do darwinismo social que afetou, via antropologia, a Geografia Cultural.

Do ponto de vista da Geografia Crítica que se exemplifica com o estudo de James Blaut (2), a crítica que se aponta à Geografia Cultural Norte-Americana, quer em sua forma tradicional, quer suas formas modernas, é a de que ela está assentada em critérios de classes e étnicos, que influenciam os valores e crenças dos geógrafos culturais norte-americanos. Ao se admitir a existência de "culturas" como entidades genuínas da sociedade, esquece-se o papel do Estado e dos limites territoriais, bem como a das classes sociais poderosas. Em realidade, muitos dos grupos que se chamam de "culturas" são sociedades oprimidas, seja pelas elites internas, seja pelas elites externas, seja por ambas. Os estudos de Geografia Cultural não consideram estes aspectos, e neste sentido acabam servindo à dominação e às corporações multinacionais.

Neste aspecto, é conveniente lembrar com Mikesell (9) que, após a Segunda Guerra Mundial e até ao final da década de 60, os Aparelhos de Estado norte-americanos patrocinaram numerosas pesquisas em áreas culturais "não-ocidentais", as quais acabavam servindo como fontes de informação para os órgãos de espionagem e ação anti-revolucionária. E isto sob o pretexto de se ganhar experiência "cross-cultural", a partir de estudos comparativos entre grupos culturais "não-ocidentais".

PERSPECTIVAS RECENTES NA GEOGRAFIA CULTURAL

De acordo com Mikesell (9), a Geografia Cultural, após 1960, apresenta três perspectivas recentes que são incorporadas à

sua prática. Trata-se do aparecimento de uma nova Ecologia Cultural, dos estudos sobre percepção ambiental, e de maior ênfase em se estudar aspectos da Geografia Cultural Norte-Americana.

A década de 60 marcou a Geografia como um todo, bem como as ciências sociais de um modo geral, pela adoção de várias inovações. Uma delas é a aceitação, ainda que parcial, da teoria geral dos sistemas, oriunda da Biologia, e que, nos estudos de Geografia Cultural implicaria na adoção do conceito de ecossistema. Tais estudos seriam designados como a nova versão geográfica da ecologia cultural, tema este que seria compartilhado pela antropologia através dos trabalhos de A.P. Vayda e R.A. Rappaport, entre outros, conforme é comentado por Grossman (5).

Na Ecologia Cultural, influenciada pela análise sistêmica, natureza e cultura passaram a ser vistas como componentes interligados de um sistema, sem nenhuma visão determinista, quer ambiental, quer cultural. Entre os geógrafos merecem destaque: o estudo de D.R. Stoddart, no qual o conceito de ecossistema é visto como princípio e método geográficos o trabalho de W.B. Morgan e R.P. Moss, onde se discute o conceito de comunidade, e a proposição de D.C. Foote e B. Greer-Wooten. Em termos empíricos, muito significativo é o estudo de Harold C. Brookfield e Paula Brown sobre os conflitos de terra no planalto da Nova Guiné, área que funcionou como laboratório para as pesquisas de Ecologia Cultural, conforme Mikesell (9) aponta.

Implícito nos estudos tradicionais de Geografia Cultural está a percepção ambiental, a qual era vista como sendo influenciada pela cultura. Entretanto, como tema, apenas a partir da década de 60, os estudos sobre percepção ambiental emergem no âmbito da Geografia, conforme aponta Mikesell (9). O seu precursor foi William Kirk com o seu "Historical Geography and the Concept of Behavioral Environment" publicado em 1951, como é indicado por Grossman (5). Foi, no entanto, a partir do trabalho de David Lowenthal, que a questão da percepção ambiental ganha espaço entre os geógrafos, influenciados pela psicologia. Entre os estudos sobre percepção ambiental, sobressaem aqueles publicados na coletânea

organizada por Lowenthal e os trabalhos de Harold C. Brookfield, Roger M. Downs e Yi-Fu-Tuan.

Dentro da temática em pauta, destacam-se os estudos que consideram a percepção e atitudes face às catástrofes naturais, os quais se iniciaram sob a direção de Gilbert F. White, já na década de 40, como James K. Mitchell (10) comenta. Sobressaem os estudos de Ian Burton e Robert W. Kates, bem como o de Thomas F. Saarinen sobre a percepção da seca nos Grandes Planos Norte-Americanos.

O tema percepção ambiental originou também estudos de como determinados grupos sociais, étnicos ou etários, definem limites e preferências espaciais: provavelmente o melhor exemplo é o estudo de Peter Gould e Rodney White sobre mapas mentais, publicado em 1974.

Convém ressaltar que, como outros temas, os geógrafos repartem com os antropólogos uma preocupação similar com a questão da percepção ambiental, tema que, ainda que não seja central à Antropologia, mereceu considerações de antropólogos como Franz Boas, B. Malinowski e E.E. Evans-Pritchard, conforme aponta Grossman (5).

A retomada de estudos sobre aspectos da Geografia Cultural Norte-Americana pode ser exemplificada através dos estudos de Wilbur Zelinsky onde se discute o tema da "unidade na diversidade (ou diversidade na unidade)", de John Fraser Hart voltados para os estudos rurais no país, e os trabalhos de Donald W. Meinig sobre o Oeste norte-americano conforme indica Mikesell (9). Subjacente a estes estudos está a idéia de que verificar e compreender as variações espaciais dos diferentes aspectos da cultura norte-americana, entendida como invariável, estandarizada, constitui-se em um enorme desafio para uma Geografia Cultural que enfatizou estudos de áreas "não-ocidentais", com maior diversidade cultural.

Na década de 80, a Geografia Cultural Norte-Americana, criada por Carl Ortwin Sauer, prossegue enriquecida, produzindo-se um amplo conhecimento sobre as relações entre o homem e a natureza, incluindo uma abordagem crítica, tal como aparece no artigo de Cosgrove (3).

BIBLIOGRAFIA

- ¹ BARROWS, Harlan. Geography as human ecology. *Annals of the Association of American Geographers*, Washington, 13 (1): 1-14, 1923.
- ² BLAUT, James. A radical critique of cultural geography. *Antipode*. Worcester, 12 (2): 25-24, 1980.
- ³ COSGROVE, Denis E. Towards a radical cultural geography; problems of theory. *Antipode*. Worcester, 15 (1): 1-11, 1983.
- ⁴ DUNCAN, James. The superorganic in American cultural geography. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 70 (2): 181-198, 1980.
- ⁵ GROSSMAN, Larry. Man-environmental relationship in anthropology and geography. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 67 (1): 126-44, 1977.
- ⁶ HARTSHORNE, Richard. The nature of geography; a critical survey of current thought in the light of the past. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 29 (2-4): 171-658, 1939.
- ⁷ LEIGHLY, John (org). *Land and life; a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkeley. The University of California Press, 1963, 427 p.
- ⁸ _____. Carl Ortwin Sauer, 1889-1975. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 66 (3): 337-48, 1976.
- ⁹ MIKESELL, Marvin. Tradition and innovation in cultural geography. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 68 (1): 1-16, 1978.
- ¹⁰ MITCHELL, James. Natural hazards research. J.R. Manners e M. Mikessell (orgs.) *Perspectives on Environment*. Washington, Association of American Geographers, Commission on college geography, 13: 311-41, 1974.
- ¹¹ PARSONS, James. Carl Ortwin Sauer, 1889-1975. *The Geographical Review*. New York, 66 (1): 83-89, 1976.
- ¹² _____. The later Sauer year. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 69 (1): 9-15, 1979.
- ¹³ SAUER, Carl. The morphology of Landscape. In: J. Leighly (org.). *Land and life — A selection from the writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkeley. The University of California Press, 1963, p. 315-50.
- ¹⁴ _____. Recent developments in cultural geography. In: E.C. Hayes (org.). *Recent developments in the social sciences*. New York, Lippincott, 1927, p. 154-212.
- ¹⁵ _____. Foreword to historical geography. *Annals of the Association of American Geographers*. Washington, 31 (1): 1-24.
- ¹⁶ _____. The personality of Mexico. *The Geographical Review*. New York, 31 (3): 353-64, 1941.
- ¹⁷ _____. The agency of men on the earth. In: W.L. Thomas Jr. (org.). *Man's role in changing the face of the earth*. Chicago, The University of Chicago Press, 1956, p. 49-69.
- ¹⁸ _____. The education of a geographer. *Annals of the Association of American Geographers*, Washington, 46 (3): 287-99, 1956.
- ¹⁹ _____. Homestead and community on the middle border. In: H.W. Ottoson (org.). *Land use policy in the United States*. Lincoln, University of Nebraska Press, 1963, p. 65-85.
- ²⁰ _____. Status and change in the rural Midwest. A retrospect. *Witteilungen der Oesterreichischen Geographischen Gesellschaft*. Wien, 105: 357-67, 1963.
- ²¹ _____. A geographical sketch of early man in America. *The Geographical Review*, New York, 34 (3): 329-73, 1944.
- ²² _____. *Seeds, spades hearths and herds. The domestication of animals and foodstuffs*. Cambridge, the MIT Press, 1969, 175 p.
- ²³ SPETH, Willian. Berkeley Geography, 1923-1933. In: B. Bionet (org.). *The origins of Academic Geography in the V.S.*, Hamden, Archon Books, 1981, p. 221.
- ²⁴ WAGNER, Phillip. L; MIKESELL, Marvin (orgs.). *Readings in cultural geography*. Chicago, The University of Chicago Press, 1962, 389 p.
- ²⁵ WILLIAMS, Michael. The apple of my eye; Carl Sauer and historical geography. *Journal of Historical Geography*, London, 9 (1): 1-28, 1983.